

**FESTA COMO PRÁTICA DE APRENDIZAGEM ORGANIZACIONAL: ECONOMÍADAS EM SÃO PAULO**

**RODRIGO GUIMARÃES MOTTA**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUCSP)

**MARIA AMELIA JUNDURIAN CORA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)

# FESTA COMO PRÁTICA DE APRENDIZAGEM ORGANIZACIONAL: ECONOMÍADAS EM SÃO PAULO

## Introdução

Festas são práticas sociais e culturais que exaltam a vida em sociedade. Bezerra (2008) considera que é por intermédio das festividades que são celebradas as experiências e as representações identitárias, ou seja, durante as festas, as pessoas atingem um alto grau de sociabilidade, ao mesmo tempo que mostram a relação que têm com o seu meio, refletindo o que pensam e sentem, valorizando certos lugares, manifestações culturais e grupos.

Ao pensar em festas, como não estabelecer relação entre festas e universitários, já que universitários e festas estão conectados em suas essências? A festa é entendida como o momento para se divertir, desestressar-se da semana, estar com os amigos, dançar e confraternizar. Assim, a compensação do cotidiano acaba sendo realizada nas festas, que abrem espaço não apenas para a diversão, mas também para a socialização.

Para Musse (2007), o clima social do ambiente universitário é festivo e pode ser observado nos cartazes de propaganda de festas universitárias que infestam os murais universitários. Já Gómez e Pampols (2000) apontam que as festas universitárias representam para os jovens uma conquista, marcada pelo exercício de maior liberdade, reafirmando sua autonomia frente aos adultos mais próximos, assim como a passagem para a vida adulta e uma nova identidade.

Contudo, quando se trata de festas universitárias, as pesquisas desenvolvidas até o momento são praticamente inexistentes — as investigações identificadas são de autoria destes pesquisadores, visto que este artigo é um desdobramento de um projeto inicialmente maior. Constatou-se essa falta a partir da busca dos descritores “festa universitária” e “festa esportiva” em plataformas de publicação digital de pesquisas científicas como a *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), voltada a periódicos científicos brasileiros, e a Plataforma Sucupira, que reúne o catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) — ambas as plataformas não retornaram qualquer registro para essas expressões.

Diante disso, verificou-se que não há estudos relacionando as festas e a aprendizagem — essa ausência pode ser percebida principalmente pelo fato de as festas serem organizadas a partir da experiência prática daqueles que as fazem; assim, aproximar os estudos baseados na prática e a festa permite uma reflexão sobre organização e cultura, uma vez que as festas representam manifestações culturais e lúdicas de identidade dos grupos e dos territórios.

Os estudos baseados na prática, segundo Antonello e Godoy (2009), partem da noção de uma realidade emergente, do conhecimento como uma atividade material em que o social está relacionado não só aos seres humanos, mas também a artefatos simbólicos e culturais. A noção de prática para as autoras articula a noção de espaço-tempo do fazer dos atores, isto é, como práticas “situadas”, implicando incertezas, conflitos e incoerências como características intrínsecas a essas práticas.

Bispo (2013a) faz uma sistematização das tradições dos estudos baseados na prática apresentando cinco abordagens, sendo elas: cultural interpretativa, comunidade de práticas, teoria da atividade cultural e histórica, sociologia da translação e estudos no local do trabalho. Para este estudo, optou-se em seguir a primeira, a abordagem cultural interpretativa.

A tradição cultural interpretativista fundamenta-se na ontologia, na epistemologia e nas metodologias dos estudos organizacionais, que compreendem a cultura organizacional como um fenômeno socialmente construído e situado a partir dos significados que os artefatos ganham em cada grupo ou contexto (Bispo, 2013a).

Ainda como contribuição da pesquisa realizada por Bispo (2013a), os conceitos-chave dos estudos baseados na prática destacam-se como: *learning* (envolve aprendizagem coletiva), *knowing* (constitui-se, sustenta-se e modifica-se na dinâmica existente no conhecimento quando associado à prática), *organizing* (implica a articulação entre sujeitos e objetos em torno de uma prática), estética (concerne a faculdades sensoriais em que pessoas e estudiosos organizacionais produzem conhecimento não verbal), textura organizacional (trata-se da conexão estabelecida entre os atores sociais na ação e o conjunto das práticas), conhecimento sensível (é percebido, julgado, produzido e reproduzido por meio dos sentidos) e, por fim, *taste-making* (processo discursivo, emergente e coletivo que refina as práticas, feito pelas falas e dito pela ação do fazer).

De modo complementar, em pesquisa realizada por Durante *et al.* (2019), observou-se que o campo de pesquisa ainda tem muito a ser explorado, pois há pouca incidência de artigos publicados em periódicos nacionais sobre aprendizagem organizacional baseada na prática — ainda sendo inexistente, aliás, a relação de aprendizagem e prática de organização festiva. Assim, para preencher esta lacuna, o objetivo deste artigo é compreender a festa como uma organização que promove a aprendizagem na prática daqueles que a organizam, trazendo uma interpretação da festa como artefato (produto) e como simbólico (significado) no espaço e na prática de aprendizagem.

Nesse contexto, estudantes dos cursos de Administração, Economia, Ciências Contábeis e Atuariais, organizados pelas atléticas e pela liga das atléticas, realizam a gestão de um evento, de forma coletiva, aprendendo a lidar com a gestão de recursos, com o trabalho em equipe e com a improvisação por meio das estratégias que emergem durante o evento. Nesse sentido, tais estudantes, que muitas vezes ainda não estão no mercado de trabalho, passam a vivenciar na prática como se faz a gestão, ampliando, assim, o conhecimento adquirido formalmente nas disciplinas da universidade, já que experimentam as responsabilidades e dinâmicas de se trabalhar em equipe, de tomar decisões e de fazer a gestão de recursos financeiros, humanos e de terceiros.

Aliás, D'Ávila e Coutinho (2017) reiteram a importância das atividades extracurriculares na universidade ao considerarem que a experiência obtida por meio do trabalho voluntário pode possibilitar alguma credencial para o ingresso no mercado de trabalho, uma vez que essa atividade pode ser um diferencial frente a concorrência acirrada nos processos seletivos de grandes empresas ou multinacionais.

Essas experiências vividas vão permitindo aos estudantes conexões com o que os professores ministram em sala, como a importância do planejamento para a execução do projeto, critérios para a seleção de fornecedores, planilhas de custos, mobilização de equipes, liderança, entre outros temas recorrentes em sala de aula — neste sentido, os estudantes vão adquirindo conhecimento prático. Sobre isso, para Gergen (1991), o conhecimento não é algo que se situa de forma estática na cabeça das pessoas, mas, sim, algo que é apreendido através do fazer junto de um coletivo dotado do mesmo propósito.

Reiterando essa perspectiva, Nicolini, Gherardi e Yanow (2003) afirmam que o “aqui e agora” das práticas em tempo real, o “saber” e o “fazer” promovem uma aprendizagem na interação social que não pode ser restringida a uma atividade cognitiva, visto que as pessoas e os eventos se conectam. Isso permite a coexistência de antigos e novos, porque as pessoas são capazes de lidar com a mudança e com a desordem ao explicar a persistência e a ordem.

Por isso, entende-se que a prática é construída no momento e no espaço da realização, como um conhecimento intuitivo formado dentro da ação, processo reiterado no ato de fazer a festa. A festa, quando organizada por um conjunto de pessoas com intenções comuns, faz com que este grupo aprenda a construí-la desde sua concepção, no instante em que a realizam e nos processos de avaliação dos resultados dela.

Considerando as festas universitárias, organizadas e preparadas pelos próprios

estudantes, é colocado como pressuposto que todo o conhecimento aprendido na prática deve ser repassado para os novos estudantes que assumem a direção da festa, a fim de que os eventos universitários tenham continuidade com características e identidades reproduzidas.

Desse modo, este estudo visa a contribuir para o campo dos estudos organizacionais ao aproximar a organização festiva com o processo de aprendizagem na prática, além de trazer a dimensão da festa como artefato (o produto da festa em si) e como simbólico (o significado da festa para aqueles que a fazem).

Como objeto da pesquisa, este estudo teve como foco as Economíadas de 2017, na cidade de São Carlos, a partir de etnografia realizada junto aos estudantes da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (EAESP/FGV). Foram utilizadas filmagens e fotografias que registraram o evento, além de entrevistas com dirigentes e atletas da FGV, totalizando 103 estudantes.

O artigo é organizado em cinco partes, a começar por esta introdução. A segunda parte é um levantamento teórico sobre aprendizagem organizacional, seguida da terceira parte, voltada ao percurso metodológico e à descrição histórico-social das Economíadas, e, após, a quarta parte concerne aos resultados no que concerne à aprendizagem na prática com a organização da festa. Por fim, encerra-se o artigo com as considerações finais.

### **Fundamentação teórica: aprendizagem organizacional baseada na prática**

A aprendizagem é produzida e reproduzida nas relações sociais, tanto formal quanto informalmente, garantindo a toda atividade ou vivência uma oportunidade para o aprender. Nesse sentido, o aprender pode ser entendido como uma construção acumulativa em que todas as experiências passadas são cruciais para se aprender o que se propõem como novo.

Tecendo um resgate sobre aprendizagem organizacional, pontua-se que, ao longo dos últimos 30 anos, ela se constituiu como um campo relevante de conhecimento na área organizacional com diversas perspectivas de análise que despertaram crescentemente o interesse dos pesquisadores organizacionais, ampliando, assim, as conceituações e as perspectivas de análise para compreensão da aprendizagem no campo organizacional e suas diversas formas de aplicabilidade e de reflexão crítica.

Destacam-se os olhares da aprendizagem organizacional, que privilegia o estudo da forma como as organizações aprendem e a perspectiva das organizações, enfocando as experiências práticas bem-sucedidas e prescrevendo condutas sobre o que as organizações devem fazer para aprender. Outra perspectiva refere-se à aprendizagem baseada na prática, na qual o foco recai sobre o que se é praticado e como a prática gera aprendizagem das interações situadas na prática (Davel; Oliveira, 2018). A prática, assim, é entendida e estudada do ponto de vista da situação, por isso ela é situada e contextualizada (Gherardi, 2000).

Argyris e Schön (1978), precursores nos estudos de aprendizagem organizacional, propõem a reflexão de que a aprendizagem pode ser um produto ou um processo, colocando questões do tipo: o que temos de aprender e como aprendemos. Esses questionamentos corroboram a tese de que existem no mínimo dois tipos de aprendizagem referentes à teoria de ação: a individual e a organizacional. Os autores destacam que a aprendizagem organizacional ocorre quando indivíduos dentro de uma organização vivenciam uma situação problemática e a investigam, respondendo a ela com reflexão e ação para trazer de volta uma situação controlada. Nesses casos, há a detecção e a correção de erros, podendo ocorrer em dois ciclos: simples e duplo.

A aprendizagem de ciclo simples (*single loop*) se refere à aprendizagem instrumental originada de mudanças nas estratégias de ação com o intuito de atingir os objetivos existentes e manter o desempenho organizacional sem, no entanto, modificar as normas e os valores organizacionais. A aprendizagem de ciclo duplo (*double loop*) envolve a revisão crítica da

teoria em uso por meio do questionamento dos princípios, regras e valores vigentes na organização. Esse feedback duplo, além de proporcionar a correção objetiva de falhas e de suas causas, apresenta como resultado uma reflexão, uma mudança de valores e diretrizes organizacionais, definindo ou reestruturando, assim, novas prioridades e normas.

Numa perspectiva crítica, Davel e Oliveira (2018) fazem uma reflexão sobre a incidência das pesquisas de aprendizagem organizacional ter mais interesse nos modelos de aprendizagem em circuito simples, em que se valoriza o processo de detecção e de correção das disfunções, modificando as práticas para corrigir os problemas, sem que seja necessário questionar os princípios subjacentes a essas práticas na organização. Assim, nesse nível de aprendizagem, novas informações podem produzir um questionamento sobre as ações comuns e os ensaios para gerar novas ações, porém não há uma reflexão sobre a natureza e os efeitos das respostas encontradas, situação que aparece na chamada aprendizagem em circuito duplo.

A aprendizagem em circuito simples busca otimizar comportamentos de resolução de problemas em um contexto dado, enquanto a aprendizagem em circuito duplo questiona os pressupostos, crenças e valores que compõem o contexto. Enquanto a aprendizagem em circuito simples é importante para melhorar progressivamente o desempenho, a aprendizagem em circuito duplo questiona a situação na qual a organização se encontra, sua cultura e sua visão estratégica. Em outras palavras, a aprendizagem em circuito duplo representa a capacidade de refletir sobre os processos de aprendizagem em circuito simples e de compreender quando uma mudança fundamental se torna necessária (Davel; Oliveira, 2018).

É a busca de aprendizagem no circuito duplo que permite um salto qualitativo nos processos organizacionais, sendo que este processo pode ser construído em uma perspectiva de grupo, em que as reflexões ganham uma dinâmica interdisciplinar que provocam abordagens inovadoras para a solução dos problemas.

No espaço universitário, os cursos de graduação, na maior parte das disciplinas ministradas, investem no aprendizado formal por meio de um conhecimento explícito e, de certa forma, consolidado na área, englobando as “melhores práticas” em planejamento, finanças, operações, marketing e assim por diante. Com isso, é esperado que sejam adquiridos conhecimentos que permitam um desempenho com excelência, sob uma orientação funcionalista e positivista, voltada para resultados.

Ainda que essa seja a corrente dominante do pensamento amplamente utilizada no primeiro momento pelas faculdades e também pelas diferentes organizações que recrutam seus integrantes, cada vez mais estão sendo valorizadas novas formas para a aquisição de experiências que permitam o aprendizado baseado na prática. Para Padula (2017), ao assumir que o indivíduo gera seu conhecimento na sua interação com o mundo e na criação de significados em um processo ativo, entende-se que práticas baseadas em conceitos construtivistas são as que melhor se adequam ao colocar foco no estudante e na criação de novos conhecimentos e inovação.

De acordo com os estudos baseados na prática (Antonello; Godoy, 2009), o aprendizado é adquirido não somente de forma expositiva e depois executado, como também de forma intuitiva e tácita a partir de vivências relacionadas com a execução de atividades a fim de gerar *insights*, sejam as atividades relacionadas a processos ou a projetos, tal qual apresentado neste texto, por meio de organização de festas, por exemplo.

A difusão e a aceitação dos estudos baseados na prática têm sido acompanhadas por preocupações sobre a perda do poder crítico, quando o termo “prática” é considerado sinônimo de “rotina”, “vantagem competitiva”, “habilidades incorporadas”, ou quando é tomado como um equivalente genérico de “o que as pessoas fazem”, sem fundamentação teórica iluminando a natureza do objeto de estudo e de sua contribuição original e distintiva para a compreensão da ordem social.

Para Durante *et al.* (2019), um ponto em que se visualiza o potencial dos estudos baseados na prática (também denominados EBP) é o de contribuir para o avanço do conhecimento sobre a aprendizagem nas organizações com o viés sociológico, partindo do espaço social como lócus para os processos de aprendizagem e a geração de conhecimento, e, dessa forma, utilizar as práticas para compreender os fenômenos sociais e organizacionais, ou seja, implica explicar a natureza dos engajamentos sociais que promovem o contexto para a aprendizagem.

Nesta perspectiva sociológica, Gherardi (2001) aponta que é quase ignorada a importância da aprendizagem que ocorre informalmente, no contexto organizacional, como fruto da partilha de experiências socioprofissionais e da reflexão crítica sobre esse conhecimento socializado, que envolvem, sobretudo, a absorção de conhecimentos tácitos que só podem ser incorporados por meio de vivências e experiências sociais ligadas à práxis.

Reiterando tal visão, Souza-Silva e Davel (2007) assinalam que, no ambiente informal de interação social e de engajamento coletivo, são partilhadas vivências e experiências que promovem a aprendizagem contextualizada na prática, constituindo-se como segunda dimensão da comunidade de prática.

O processo de aprendizagem informal refere-se a oportunidades naturais que surgem no cotidiano, em que a própria pessoa controla seu processo de aprendizagem. Afinal, para que seja analisada a aprendizagem informal nas organizações, é necessário entender o contexto. O processo de aprendizagem informal não se restringe a quatro paredes, em um processo com início e fim, separado de outras atividades relacionadas. Flach e Antonello (2011), por exemplo, consideram que a aprendizagem informal nas organizações consiste no fato de que os indivíduos, em seu dia a dia de trabalho, executam tarefas, realizam asserções, resolvem problemas e cooperam com os companheiros.

Assim, o contexto de aprendizagem informal se dá por meio de regras, valores, atitudes, expectativas, artefatos, entre outros elementos socioculturais, e, segundo destacado por Antonello (2011), encontram-se presentes, ainda, os papéis da linguagem e o da natureza das interações sociais no processo de aprendizagem. Ou seja, o aprendizado baseado na prática é relevante e deve ser situado no contexto e no processo que envolvem os atores.

As práticas não são apenas padrões recorrentes de ação, mas também padrões recorrentes de ação socialmente sustentada, em que tais práticas são transmitidas e reiteradas pelos coletivos que compartilham dos objetivos traçados. Nesse sentido, a aprendizagem é uma prática coletiva, que se dá à medida que as ações vão ocorrendo no cotidiano e através das decisões que vão sendo tomadas a fim de buscar os resultados esperados.

### **A prática festiva das Economíadas em São Paulo: contexto e percurso metodológico**

No estado de São Paulo, estudantes das principais universidades começaram a organizar suas equipes a fim de poderem participar de competições esportivas. Originalmente, organizaram-se em diretorias de esportes dos centros acadêmicos, até que, em determinado momento, passaram a constituir uma entidade independente, permitindo, assim, a participação dos estudantes não apenas em eventos realizados por essas próprias entidades, como também em eventos oficiais, garantindo, dessa forma, respaldo legal e organizacional.

Surgiram, então, as associações atléticas acadêmicas. Essas associações começaram a realizar grandes eventos anuais, entre as diversas faculdades, e, durante uma semana do ano, competiam entre si em modalidades distintas. Diferentemente dos eventos oficiais, em que a pressão por resultados é maior, aproveitavam esse momento para confraternizar, promovendo festas universitárias.

À medida que esses eventos ganharam relevância dentro das instituições, passaram a abranger um número maior de faculdades, surgindo eventos temáticos, que uniam diversas

associações atléticas, chegando a ter oito associações competindo e celebrando. Exemplos de eventos dessa natureza são os Jogos Jurídicos, as Engenhariadas e tantos outros que acontecem todos os anos. As faculdades de Administração, Economia, Ciências Contábeis e Atuariais seguiram trajetória semelhante às demais.

A Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (EAESP/FGV) teve, até 1986, as atividades esportivas subordinadas ao diretório acadêmico, porém, em 1987, Eduardo Quilici fundou a Associação Atlética Acadêmica Getúlio Vargas (AAAGV), que, para ser estruturada, requereu dois anos, devido à dificuldade para organizar times, desenhar uniformes e obter recursos a fim de participar dos torneios. Passada essa fase de estruturação da entidade, em 1989, aconteceu a EAESP/FGV x FEA-USP. Após três dias de competições, somando 27 modalidades esportivas, os estudantes e desportistas ficaram entusiasmados.

A dificuldade em gerir financeiramente essa estrutura aparece diversas vezes nos relatos dos estudantes que tinham cargos de gestão, principalmente no controle administrativo-financeiro. Foram elaborados planos de captação de recursos com dificuldades, pois, apesar de o nome “FGV” ser forte para os potenciais patrocinadores, a instituição nunca havia tido força nos esportes. Após as primeiras buscas de patrocinadores junto a ex-alunos, algumas empresas passaram a patrocinar os times da EAESP/FGV durante os torneios.

Após dois anos de competições entre faculdades, em 1991, as faculdades de Economia e Administração, seguindo o exemplo de outras, como as de Direito e as de Engenharia, decidiram se unir e realizar um evento ainda mais especial, surgindo, então, a Liga das Associações Atléticas Acadêmicas de Ciências Econômicas (LAAACE), que organizou a primeira edição das Economíadas, em Bauru. Todos os dias, além das competições esportivas, ocorreram festas realizadas por e para os estudantes para a confraternização daqueles que compareceram ao evento.

Desde Bauru, as Economíadas ocorrem dentro do prazo determinado de uma semana, geralmente em cidades alternadas do interior de São Paulo: Garça (1992), São José do Rio Preto (1993), Amparo (1994), Avaré (1995, 2003, 2008), São João da Boa Vista (1996), Itapira (1997, 2000), Mococa (1998), Santa Bárbara d’Oeste (1999), Guaratinguetá (2001, 2004, 2005), Serra Negra (2002), Araraquara (2006, 2014, 2016), Taubaté (2007), Americana (2009, 2010, 2011, 2012, 2015), Limeira (2013) e São Carlos (2017, 2019, 2022, 2023 e 2024)<sup>i</sup>.

A LAAACE é a grande responsável pela organização do evento e composta por representantes de cada uma das oito faculdades (FEA-PUC, FEA-USP, EAESP/FGV, FECAP, ESPM, Insper, Mackenzie e PUC-Camp). Os gestores da LAAACE devem sempre ser estudantes regularmente matriculados em uma das faculdades participantes ou ex-estudantes, com comprovação por meio do atestado de conclusão de curso.

A LAAACE, em conjunto com representantes das oito faculdades participantes das Economíadas, é responsável por decidir a cidade-sede do evento, determinar o local dos jogos e das festas, fazer a tabela de jogos e o chaveamento, realizar a escolha das bebidas da festa e das atrações a serem apresentadas, fazer visitas técnicas e acompanhar a montagem e desmontagem das estruturas dos eventos, entre outras coisas.



**Figura 1. Evento de chaveamento das Economíadas 2017**

Fonte: Acervo dos autores.

Atualmente, as Economíadas giram em torno das competições realizadas nas seguintes modalidades oficiais: basquete, futsal, handebol, vôlei, tênis de campo, natação, tênis de mesa feminino e masculino, futebol de campo, rúgbi, judô, jiu-jítsu masculino e xadrez. Todas as faculdades devem ter seus times formados para competir em todas as modalidades, sendo, inclusive, penalizadas financeiramente em caso contrário.

Há, também, partidas demonstrativas, não oficiais, por exemplo, de rúgbi feminino, cujos resultados não são contabilizados na tabela geral das Economíadas — com o intuito de acrescentar uma nova modalidade aos jogos, para isso ela deve ser aceita através de uma votação por maioria simples e, a partir do terceiro ano consecutivo da modalidade “Esporte de Demonstração”, fica obrigatória a participação de todas as atléticas que fazem parte dos jogos Economíadas naquela modalidade. Caso a modalidade não se torne oficial, será necessária uma votação para a continuação da modalidade como esporte de demonstração.

Enquanto os jogos entre as faculdades acontecem, os estudantes se organizam, juntamente das respectivas atléticas, para levar sua torcida para as principais disputas, o que muitas vezes inclui a presença das baterias universitárias, bandeirões e fumaça da cor da faculdade. Dessa forma, tal manifestação torna-se um dos pontos altos dos dias de comemoração, quando os estudantes, devidamente uniformizados, deixam claro a qual faculdade pertencem pela simples forma como estão vestidos, já que cada faculdade possui suas cores características, tornando a torcida um espaço de representação simbólica.

Cada torcedor junta sua voz ao coro conduzido pelo mestre da bateria, que toca, incansavelmente, suas músicas durante toda a duração da partida para incentivar seus atletas, sendo possível observar que cada partida é uma festa liderada pelas torcidas e baterias universitárias. O que torna as Economíadas e os demais jogos esportivos universitários únicos é o fato de combinar práticas festivas e esportivas, que se alimentam mutuamente. Tais festividades esportivas acontecem de forma diferente das festas convencionais.

Alguns alunos vão às festas sabendo de antemão que terão de dormir mais cedo para a competição do dia seguinte; outros se encarregam da ornamentação da festa; outros, da colocação do ícone da atlética da qual fazem parte; e há também aqueles que se divertem provocando as outras atléticas com músicas especialmente concebidas para esse fim. Pode-se perceber que é uma festa intensa, que reforça os vínculos dos participantes com a instituição e, ao mesmo tempo, acontece sem que se esqueça da prática esportiva anterior ou no dia seguinte. As práticas esportivas, por sua vez, também ocorrem em um clima festivo, principalmente por parte das torcidas, devidamente uniformizadas, que lotam as arquibancadas. Isso é potencializado por rivalidades históricas, como a EAESP/FGV *versus* a FEA-USP, Mackenzie *versus* FEA-PUC, sempre acompanhadas pelo rufar de cada uma das baterias.



**Figura 2. Torcidas durante as partidas das Economíadas de 2017**

Fonte: A3 FRAME.

As atléticas das faculdades utilizam artefatos simbólicos representados pelas baterias, pelos mascotes e pelas cores dos uniformes, símbolos que se mantêm como marcas de identidade entre os estudantes nas torcidas e nas festas realizadas no decorrer das Economíadas (quadro 1).

FACULDADE	ATLÉTICA	BATERIA	UNIFORME	MASCOTE
EAESP/FGV	Getúlio Vargas	Tatu-bola	Amarelo e preto	Jacaré
ESPM	ESPM	Bateria ESPM	Azul e branco	Jacaré
FEA-PUC	Leão XIII	Bateria FEA-PUC	Azul-escuro, azul-claro e amarelo	Leão
FEA-USP	Visconde de Cairu	Bateria S/A	Preto, branco e azul-marinho	Canguru
FECAP	FECAP	Swing da Liberdade	Verde	Escorpião
Inspere	Inspere	Imperial	Preto e vermelho	Raposa
Mackenzie	Eugênio Gudim	Invasão	Vermelho	Íbis
PUC-Camp	FACECA PUC-Camp	Batucão	Preto e amarelo	Cachorro

**Quadro 1. Artefatos simbólicos por faculdade**

Fonte: Elaborado pelos autores.

Ao final de cada partida, os estudantes se deslocam para as tendas, que são os espaços destinados para festas menores a céu aberto, organizadas por uma ou mais atléticas. O transporte é feito por ônibus que realizam os percursos durante o dia todo, levando os estudantes para os jogos, para as festas nas tendas ou para o alojamento.

As festas diárias que ocorrem nas tendas são as mais longas, das 9:00 às 20:00, e acontecem simultaneamente aos jogos, dando a possibilidade de escolher entre assistir aos jogos ou ir às festas. Cada universidade fica responsável pela sua tenda que, previamente, comercializa um *kit* com os ingressos, alojamento e transporte, além de suvenires, como tatuagem removível, mochila, abadá e caneca com as cores e frases da faculdade referente.

À noite acontece uma festa única para todos os participantes, sendo que as festas do meio da semana são organizadas pelas atléticas das faculdades e as festas de abertura e encerramento são organizadas pela Liga.



**Figura 3. Festas nas tendas**

Fonte: Acervo dos autores e A3 FRAME.

Os números gerados pelas Economíadas não são amadores, já que, em 2017, foram gerados dois mil empregos temporários, recebendo em torno de três mil universitários somados a duas mil pessoas de São Carlos, o que movimentou aproximadamente R\$ 5 milhões (G1 São Carlos e Araraquara, 2017)<sup>ii</sup>.

Diante deste contexto, a fim de alcançar o objetivo desta pesquisa — que visa a compreender a festa como uma organização que promove a aprendizagem na prática daqueles que a organizam, trazendo uma interpretação da festa como artefato (produto) e como simbólico (significado) no espaço e na prática de aprendizagem —, a festa foi estudada a partir de uma etnografia, com coleta de informações baseada em observação participante e realização de entrevistas ocorridas durante as Economíadas de 2017.

Conforme definição de Creswell (2014), a pesquisa etnográfica é definida por focar o desenvolvimento de uma descrição complexa e completa da cultura de um grupo. Em vista de que o pesquisador etnográfico busca padrões, rituais ou comportamentos sociais das atividades desse grupo, na ocasião da visita ao evento, a fim de “mergulhar” na vivência dos integrantes do grupo, elegeu-se a observação participante, durante a qual foram realizadas entrevistas com 103 alunos participando ativamente das Economíadas ocorridas de 2 a 5 de novembro daquele ano. As entrevistas foram realizadas pelo observador-participante durante o evento, sendo que algumas delas, conforme relevância identificada pelo entrevistador, também foram filmadas. Fotografias foram registradas durante a imersão em vista de enriquecer a composição do material coletado, conforme se verificou ao longo desta seção.

## **Análise dos resultados**

### Organização da festa como prática de aprendizagem

Partindo-se do pressuposto de que uma festa bem-sucedida só é alcançada com uma festa bem realizada, todos os processos organizacionais para realizá-la demandam conhecimentos de gestão. Isto porque se pode considerar a festa como um projeto em que há uma série de atividades para realizá-la, como cronograma, planejamento, gestão de recursos financeiros, materiais e humanos, definição de tarefas e responsabilidades, entre tantas outras atribuições.

Ao vivenciar as Economíadas, notou-se que os alunos organizadores não possuíam experiência profissional e, com isso, deparam-se com desafios complexos na realização do evento, ou seja, foi na hora da festa que os estudantes vivenciaram a organização na prática, contando com o apoio dos veteranos na transferência de seus conhecimentos na medida em que o evento foi acontecendo. Essa experiência marca a representação identitária das universidades e suas entidades estudantis, fortalecendo o lócus da festa.

Nesse sentido, o que se observou foi que a festa propicia um espaço de aprendizagem, sendo ela uma aprendizagem informal a partir de uma construção coletiva realizada na interação social dos estudantes. Como categorias percebidas, destacaram-se a aprendizagem para o trabalho em equipe e a aprendizagem para a construção de estratégias de captação e gerenciamento de recursos.

Notou-se que os integrantes das atléticas e da LAAACE são os estudantes que são responsáveis por tomar decisões complexas, como escolher a cidade que sediará o evento, definir os fornecedores e os tipos de serviços a serem terceirizados e gerenciar o relacionamento entre os estudantes/atletas e seus diversos interesses.

Para tomar tantas decisões em um período curto (em 2017, por exemplo, tudo teve de estar decidido, aprovado e comunicado aos alunos da faculdade ainda no primeiro semestre do ano, já que o evento ocorreria no segundo semestre), o que se ressaltou foi que os diretores das atléticas e da LAAACE se apoiam em ex-alunos e ex-diretores, que transferem seus conhecimentos com orientações sobre os procedimentos. Nessa transferência de conhecimentos, ocorrem momentos de feedback e de tentativas de correção dos processos a fim de que alcançassem os resultados esperados. Muito do que foi observado na transferência de conhecimento se dá conforme o circuito simples de aprendizagem, em que se esperam as correções e adequações das atividades a partir dos conselhos recebidos.

Já no âmbito do trabalho em equipe, muitas vezes o que se observa é uma aprendizagem em circuito duplo, no qual, nas práticas dialógicas do grupo, os estudantes refletem sobre a festa Economíadas e as festas prévias realizadas para arrecadar recursos e para motivar os estudantes, além de fomentar a agenda de treinos nas diversas modalidades esportivas. A organização dessa série de eventos e das Economíadas em si possibilita a aprendizagem do trabalho em grupo pelo fato de haver múltiplas responsabilidades, com diversos grupos de trabalho formados pelos estudantes para organizar os treinos, os times, a bateria e as festas, todas estas coordenadas pelos diretores das atléticas que, por sua vez, são coordenados pelos dirigentes da LAAACE.

Em todas as equipes, os estudantes seguem um cronograma definido de atividades que são executadas durante o ano, com tomadas de decisão e a criação de processos de comunicação contínua entre as faculdades, os integrantes da LAAACE e os estudantes em geral.

Durante a observação, duas situações se destacaram para exemplificar o processo de aprendizagem, as quais são vivenciadas na experiência prática na realização da festa. A primeira foi a inundação de uma quadra esportiva antes da partida, pois, diante de tal acontecimento, os dirigentes da LAAACE se juntaram para solucionar a questão, consultando o cronograma de jogos, alocando a partida em outra quadra que estava disponível e em condições de sediar o

jogo a tempo de não atrapalhar o restante da programação, vindo como se daria o deslocamento de todas as pessoas presentes até o novo local, fazendo-se necessário negociar, inclusive, com os motoristas dos ônibus fretados que trabalhavam a partir de uma agenda preestabelecida. Passadas todas as dificuldades, a partida foi realizada e os estudantes festejaram com suas torcidas, baterias e atletas.

A segunda situação foi quando FEA-PUC, Insper, FECAP e PUC-Camp, após uma reunião em que houve uma reflexão e uma prática dialógica, decidiram integrar suas tendas de festa e, conseqüentemente, seus estudantes, mesmo que isso envolvesse riscos financeiros, pois as festas teriam de ser adaptadas para o contingente de público quatro vezes maior. O sucesso foi tamanho que, no último dia, houve ainda a integração da tenda do Mackenzie, com a retirada da divisória entre os espaços festivos, vendo-se, de um lado, pessoas majoritariamente vestidas de amarelo, principal cor da FEA-PUC, e, do outro, um mar vermelho, dos estudantes do Mackenzie, unindo-se, assim, os estudantes de maior rivalidade acadêmica para celebrarem juntos e misturando-se à multidão. Após esse evento, para os anos seguintes ficou deliberada a decisão de se realizar tendas coletivas para as festas.

No que se refere às estratégias de gestão dos recursos, apreendeu-se que, durante sua primeira década, as atléticas que participavam das Economíadas praticamente não dispunham de recursos para sua organização. As provas esportivas eram realizadas de forma amadora e as festas eram combinadas ao término das provas, enquanto os alunos se encontravam nos clubes e danceterias da própria cidade organizadora.

A segunda década das Economíadas teve maior organização, com agências, como a Na Mosca, formada por ex-alunos, que captaram recursos e organizaram as primeiras tendas (espaço para festas e encontros de cada faculdade), associadas a empresas interessadas em promover seus produtos para esse tipo de público. A última década consolidou esse modelo e novos desafios apareceram na garantia da realização do evento.

Como as festas universitárias possuem marcas fortes, os dirigentes estudantis buscam patrocinadores de bebidas e outros produtos para alavancar as festas, além da venda de ingressos como outra forma de captar recursos. Com esses recursos financeiros à mão, os organizadores das festas fazem a gestão de contratos de terceiros (como segurança, limpeza, socorrista, entre outros) e, algumas vezes, do próprio serviço de bar e de alimentação. Quando o bar é responsabilidade direta da entidade, há a necessidade de gerenciar a escala dos estudantes que trabalham voluntariamente.

É possível observar a relevância dos serviços terceirizados, visto que fornecedores foram contratados em diversas ocasiões, porém adicionando uma nova tensão aos estudantes-dirigentes, pois eles passaram a gerenciar contratos, aprovar verbas, fiscalizar serviços como segurança, iluminação e som, infraestrutura, bar, confecção de uniformes, entre outros itens, além de técnicos para os treinamentos. A aprendizagem foi se dando de forma intuitiva e tácita, sendo que, quando os estudantes dominam os processos de gestão também, é o tempo da saída da universidade e entrada de novos estudantes para a realização da festa.

Ao final da festa, ainda há o trabalho de pagamento, o encerramento dos contratos e o fechamento das contas. Os recursos financeiros que sobram são investidos em outras atividades realizadas pelas entidades estudantis que, no caso das Economíadas, são os treinos nas modalidades esportivas.

Vale destacar que todos os entrevistados que participaram da organização declararam nunca haver realizado um evento que envolvesse tantos atletas, “festeiros”, recursos e complexidade na montagem da estrutura como na realização das Economíadas 2017. E, por isso, sentiram o mais profundo senso de realização ao final do evento.

## Prática festiva como prática de aprendizagem organizacional

A ausência de estudos sobre aprendizagem baseada na prática e organização festiva mostra uma lacuna de conhecimento que deve ser explorada. Isto porque as festas podem ser consideradas projetos a serem realizados com processos de trabalho bem definidos que demandam de conhecimento acumulado e de práticas. É nessa lacuna que a aproximação entre a prática festiva como prática de aprendizagem organizacional se faz presente.

Para a festa acontecer da melhor forma e superar as expectativas do público que comparece, ela depende de muito planejamento e gestão. No caso de festas universitárias, os jovens esperam diversão, música e bebidas que potencializem um ambiente de diversão e de socialização, ao mesmo tempo que a maior parte das festas universitárias é realizada pelos próprios estudantes, que vão, na prática, experimentando e aprendendo sobre gestão.

Durante a realização da festa, há a experimentação e a representação identitárias do grupo e do sentido da celebração. Nesse contexto, trabalhar em grupo é um aprendizado para os jovens que passam a interagir socialmente no planejamento e na realização das atividades necessárias para a festa ocorrer, conforme alguns dos conceitos-chave dos estudos baseados na prática consideram como *learning*, ou seja, é um processo de aprendizado coletivo, bem como *organizing*, já que há uma articulação entre sujeitos e objetos para uma prática comum, que é a realização da festa. Outro conceito-chave presente foi o *knowing*, já que, na prática, está se produzindo um conhecimento que se modifica no decorrer da dinâmica em realização; a cada festa, novos conhecimentos são apreendidos, não havendo um processo estanque e linear de aprendizagem.

Além do fato de que o grupo responsável pela festa seja transitório, pois os estudantes se formam e novos estudantes passam a organizar a festa, o fazer junto permite uma transferência de conhecimento e reitera o sucesso e a permanência da festa. Essa vivência representa aqui o que Gherardi (1999) apresenta como textura organizacional, pois traz a organização pela perspectiva simbólica implicando nos significados atribuídos pelos membros da organização por meio das suas práticas, criando uma identidade dos membros do grupo que servem de produção de significado interno e externo para a organização, ou seja, na compreensão das Economizadas como parte da formação dos estudantes. Tais significados simbólicos são os elementos que dão a possibilidade da construção da textura organizacional, e é a textura que dá o caráter singular para a organização e a distingue das outras festas (Bispo, 2013b; Gherardi, 1999, 2006, 2009).

A festa assegura um espaço de aprendizagem em que se acumulam experiências, ao mesmo tempo que é um espaço inesperado, uma vez que cada festa é única e que é na prática que se lida com os imprevistos e se aprende com eles. Assim, na prática de se fazer a festa é que se aprende, e é nessa aprendizagem experimentada que se garante a instrumentalidade necessária para a definição de estratégias de gerenciamento de recursos, desde a captação até a seleção de fornecedores, o monitoramento de contratos, a busca de parceiros, a realização de fluxos de caixa para pagamentos, lidando, ainda, com situações imprevistas.

A aprendizagem organizacional adquirida durante as festas é uma forma de aprendizagem informal, que, conforme Antonello (2011), é advinda da vivência prática e do compartilhamento de experiências entre aqueles que participam do processo. São essas interações vivenciadas que fazem da festa um locus de aprendizagem organizacional, isto é, a prática vivenciada na organização da festa gera conhecimento e o processo de transferência desse conhecimento propicia a aprendizagem.

Observou-se que, na organização festiva, há um processo de aprendizagem a partir da reflexividade intensiva que Davel e Oliveira (2018) apoiam quanto a interações e conflitos de ideias entre os membros do coletivo estarem na base da aprendizagem do coletivo, do pensamento criativo e dos processos inovadores de resolução de problemas. O conflito e o

inesperado levam a um pensamento criativo e à inovação, mas, também, a uma melhor consciência do processo de aprendizagem e à construção do significado da simbólica festa.

Em vista disso, ampliar os estudos de aprendizagem organizacional nas festas traz muitos benefícios para a pesquisa organizacional, pois garante a possibilidade de aprender praticando e de celebrar aprendendo. Além disso, cada vez mais as festas têm se tornado um potencial econômico inclusive para os estudos referentes à economia criativa.

## **Conclusão**

Apesar de os estudos sobre aprendizagem na prática e organizações festivas serem escassos/inexistentes, o campo já possui um referencial consolidado em diversas dimensões, sendo uma oportunidade de se trazer as festas e os jovens universitários como interface de espaços de aprendizagem para aqueles que promovem e vivenciam as práticas festivas.

As Economíadas são práticas festivas, desde sua gênese, inteiramente realizadas pelos estudantes, com suporte das entidades estudantis, mobilizando oito atléticas e, atualmente, três mil estudantes das universidades realizadoras, acrescidos de dois mil visitantes das cidades onde acontecem. Como se pôde observar, os estudantes demonstraram ter capacidade de realizar com sucesso as Economíadas, a partir de um grande trabalho em equipe entre pessoas com características, faculdades e educação bem diferentes, conseguindo de forma exemplar dividir as tarefas e responsabilidades com a ajuda da LAAACE para o melhor andamento do evento, com suas mais de 100 partidas esportivas e três grandes festas noturnas para todos os participantes do evento.

É evidente que a formação ainda incompleta dos estudantes e o caráter parcialmente esportivo das Economíadas permitem àqueles que participam de sua estruturação adquirir ampla vivência das práticas necessárias para uma gestão organizacional, além de uma grande aproximação com estudantes de outras faculdades, o que possibilita, em primeiro lugar, a criação de vínculos de amizade com pessoas que não se encontram presentes no seu dia a dia e, também, a criação de uma rede de contatos com pessoas que futuramente poderão se tornar seus parceiros de trabalho.

As Economíadas 2017 proporcionaram, inclusive, uma boa oportunidade para compreender a aprendizagem na prática, visto que tanto sua organização como também sua participação permitem uma vivência rica de interações, transferência de saberes, tomadas de decisão e simbolização das identidades universitárias. Festa é juventude, é diversão, é socialização, é marca, é competição esportiva, sobretudo quando se percebe a festa como locus de engajamento para a aprendizagem.

Nesse sentido, o que se observou foi que, para esses jovens, o “fazer as festas” é colocar em prática aquilo que estão aprendendo na universidade e, com isso, aproximam a teoria da prática. Assim, pode-se compreender a festa como um artefato, fruto de produto “festa” em si, de seu sentido simbólico, já que proporciona significados para aqueles que a produzem.

Finalmente, este artigo trouxe uma reflexão de como o fazer a festa permite aos estudantes aprender a trabalhar coletivamente através de uma aprendizagem de ciclo duplo, questionando as regras e os valores vigentes e se permitindo inovar, como pôde ser percebido quando as tendas foram integradas por algumas faculdades para realizar festas ainda mais inesquecíveis. Percebeu-se também a aprendizagem da captação e gerenciamento de recursos, que, por sua vez, ocorre através da aprendizagem de ciclo simples, uma vez que atinge os objetivos existentes e mantém o desempenho, sem alterar normas e valores, com ênfase na captação de recursos, na contratação de fornecedores, na realização das atividades festivas e esportivas e, finalmente, na prestação de contas.

A vivência obtida pelos participantes do evento contribuiu para a construção da textura organizacional (Gherardi, 2006), que torna as Economíadas um evento festivo singular com a

presença de conceitos-chaves dos estudos baseados na prática, tais como *learning*, *organizing* e *knowing* (Bispo, 2013a).

Por fim, espera-se que as Economíadas continuem proporcionando esse encontro festivo entre os estudantes e que, através desses encontros, os estudantes participem de aprendizagens baseadas na prática, a fim de que sejam incorporadas na sua formação acadêmica e profissional. O percurso histórico ao longo desses anos em que a festa foi realizada demonstrou não só o crescimento das festas e das competições, como também a sua contribuição para a formação dos estudantes envolvidos.

## Referências

ANTONELLO, C. S. Organizações culturais e a aprendizagem baseada em práticas. *In*: ANTONELLO, C. S.; GODOY, A. S. (eds.). **Aprendizagem organizacional no Brasil**. Porto Alegre: Bookman, 2011. p. 565-582.

ANTONELLO, C. S.; GODOY, A. S. Uma agenda brasileira para os estudos em aprendizagem organizacional. **Revista de Administração de Empresa**, [s. l.], v. 49, n. 3, p. 266-281, 2009.

ARGYRIS, C.; SCHÖN, D. **Organizational learning: a theory of action perspective**. Reading, Massachusetts: Addison-Wesley, 1978.

BEZERRA, A. C. A. Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades. **Revista Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 7-18, jan./jun. 2008.

BISPO, M. S. Estudos Baseados em Prática: Conceitos, História e Perspectivas. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 13-33, 2013a.

BISPO, M. S. Aprendizagem organizacional baseada no conceito de prática: contribuições de Silvia Gherardi. **Revista de Administração Mackenzie**, [s. l.], v. 14, n. 6, p. 132-161, 2013b.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3. ed. Tradução: Sandra Mallmann da Rosa. Porto Alegre: Penso, 2014.

D'ÁVILA, G. T.; COUTINHO, M. C. Trajetórias laborais de jovens administradores/as. **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, [s. l.], v. 4, n. 11, p. 1236-1316, 2017.

DAVEL, E. P. B.; OLIVEIRA, C. A. A reflexividade intensiva na aprendizagem organizacional: uma Autoetnografia de práticas em uma organização educacional. **Revista Organização & Sociedade**, Salvador, v. 25, n. 85, p. 211-228, 2018.

DURANTE, D.; VELOSO, F.; MACHADO, D.; CABRAL, A.; SANTOS, S. Aprendizagem organizacional na abordagem dos estudos baseados em prática: revisão da produção científica. **Revista de Administração Mackenzie**, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 1-28, 2019.

FLACH, L.; ANTONELLO, C. S. Improvisação e aprendizagem nas organizações: reflexões a partir da metáfora da improvisação no teatro e na música. *In*: ANTONELLO, C. S.; GODOY, A. S. (eds.). **Aprendizagem organizacional no Brasil**. Porto Alegre: Bookman, 2011. p. 114-138.

G1 SÃO CARLOS E ARARAQUARA. Com jogos e shows, 'Economíadas' deve movimentar R\$ 5 milhões em São Carlos. **G1**, São Carlos, 1 nov. 2017. Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/com-jogos-e-shows-economiadas-deve-movimentar-r-5-milhoes-em-sao-carlos.ghtml>. Acesso em: 11 jul. 2024.

G1 SÃO CARLOS E ARARAQUARA. MC Binn, Livinho e Jammil se apresentam no Economíadas em São Carlos; veja programação. **G1**, São Carlos, 30 maio 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2024/05/30/mc-binn-livinho-e-jammil-se-apresentam-n-economiadas-em-sao-carlos-veja-programacao.ghtml>. Acesso em: 11 jul. 2024.

GERGEN, K. J. **The saturated self: dilemmas of identity in contemporary life**. New York: Basic Books, 1991.

GHERARDI, S. A symbolic approach to competence development. **Human Resource Development International**, [s. l.], v. 2, n. 4, p. 313-334, 1999.

GHERARDI, S. Practice-based theorizing on learning and knowing in organizations. **Organization**, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 211-223, 2000.

GHERARDI, S. From organizational learning to practice-based knowing. **Human Relations**, [s. l.], v. 54, n. 1, p. 131-139, 2001.

GHERARDI, S. **Organizational knowledge: the texture of workplace learning**. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

GHERARDI, S. Practice? It's a matter of taste! **Management Learning**, [s. l.], v. 40, n. 5, p. 535-550, 2009.

GOMÉZ, J. P.; PAMPOLS, C. F. Espacios e itinerarios para el ocio juvenil nocturno. **Revista de Estudios de Juventud**, [s. l.], v. 50, p. 23-41, 2000. Disponível em: <http://www.injuve.es/observatorio/ocio-y-tiempo-libre/no-50-ocio-y-tiempo-libre>. Acesso em: 13 abr. 2024.

MUSSE, A. B. Apologia ao uso e abuso de álcool entre universitários: uma análise de cartazes de propaganda de festas universitárias. **Revista eletrônica de Saúde Mental, Álcool e Droga**, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 1-13, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/smad/article/view/38667/41514>. Acesso em: 13 abr. 2024.

NICOLINI, D.; GHERARDI, S.; YANOW, D. Introduction: towards a practice-based view of knowing and learning in organisations. In: NICOLINI, D.; GHERARDI, S.; YANOW, D. (eds.). **Knowing in organisations: a practice-based approach**. London: M.E. Sharpe, 2003. p. 3-31.

PADULA, R. S. Ensino visando à aprendizagem para inovação e criatividade. In: JUNQUEIRA, L. A. P.; PADULA, R. S. (org.). **Aprendizagem no Ensino Superior no século XXI: desafios e tendências**. São Paulo: Tiki Books, 2017. p. 15-36.

SOUZA-SILVA, J. C. de; DAVEL, E. P. B. Da ação à colaboração reflexiva em comunidades de prática. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 47, n. 3, p. 53-65, jul./set. 2007.

---

<sup>i</sup> Devido à pandemia de Covid-19, não houve edições das Economíadas em 2020 e 2021.

---

<sup>ii</sup> De forma a traçar uma aproximação mais atual, em 2024 foi realizada a 32ª edição do evento, de 30 de maio a 2 de junho, em São Carlos. Além de prever a presença de 15 mil pessoas ao longo dos quatro dias e de contar com atrações musicais como Livinho, Mc Binn e Jammil, o evento estimou uma injeção de R\$ 3 milhões na economia local e a geração de cerca de 200 empregos diretos e indiretos (G1 São Carlos e Araraquara, 2024), reforçando o potencial econômico — além do atrativo e da relevância — que o evento universitário segue carregando.